

NÃO ADESÃO À FARMACOTERAPIA EM INDIVÍDUOS COM HIPERTENSÃO ARTERIAL: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM

A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) não controlada permanece como importante problema médico-social nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Mesmo conhecendo-se a eficácia, efetividade e eficiência de várias medidas preventivas e de controle disponíveis, os agravos da doença provavelmente continuarão, por décadas, representando um dos maiores desafios sociais e em saúde⁽¹⁾.

Diante desta previsão pouco otimista, órgãos nacionais e internacionais, como o Ministério da Saúde, Organização Panamericana de Saúde e Organização Mundial da Saúde, têm incentivado os serviços de Atenção Primária à Saúde a adotarem estratégias de intervenção voltadas para a promoção da saúde e prevenção de agravos junto à população com doenças crônicas⁽²⁾. De fato, após a implementação da Estratégia Saúde da Família (ESF) no Brasil, os indivíduos com HAS tem, cada vez mais, sido alvo de atividades que tem como escopo ofertar orientações acerca da doença e do tratamento. Contudo, um dos principais problemas que os profissionais de saúde da atenção primária vivenciam no trabalho cotidiano com tais sujeitos é a não adesão à terapêutica anti-hipertensiva⁽³⁾.

Estudar a não adesão ao tratamento medicamentoso em condições crônicas é algo complexo, por ser multideterminado, mas, ao mesmo tempo imperativo, devido à onerosa carga imposta aos sujeitos, famílias e sociedades, pela sua ocorrência e manutenção. Deste modo, diversos estudos realizados no Brasil e no exterior tem dado enfoque à problemática da não adesão à farmacoterapia anti-hipertensiva. No entanto, ainda não foi encontrada uma estratégia para fidelizar o paciente ao tratamento. Assim, torna-se premente que a equipe de saúde, em especial o enfermeiro, busque melhor compreender os determinantes da ocorrência da não adesão ao tratamento, bem como os fatores desencadeadores passíveis de intervenção neste grupo populacional.

Após o levantamento destas informações o enfermeiro da Atenção Primária terá subsídios para planejar sua assistência voltada para as necessidades demonstradas pelos usuários e suas famílias. Assim, ao atuar junto ao indivíduo com HAS, em especial o idoso, é imprescindível que o enfermeiro realize consultas de enfermagem detalhadas e frequentes; crie espaços de vivências com o paciente e a família, para a troca de informações e planejamento do cuidado relacionado ao tratamento da doença e; elabore estratégias de intervenção que busquem a adesão ao controle pressórico e a simplificação das prescrições medicamentosas.

Tais considerações reforçam a necessidade de o enfermeiro – profissional que cotidianamente atua junto aos indivíduos com HAS, razão pela qual a problemática da não adesão deve continuamente ser estudada pela enfermagem – trabalhar com vistas à criação de maior vínculo com a população e a partir disso desenvolver atividades de promoção para a saúde e prevenção de agravos, com o repasse de informações e sensibilização da população com HAS de sua área adscrita, acerca da importância de se aderir corretamente ao tratamento anti-hipertensivo acordado com o provedor de saúde.

Mayckel da Silva Barreto

Doutorando em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Docente da Graduação em Enfermagem na Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari – FAFIMAM. Doutorando em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Sonia Silva Marcon

Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem na UEM. Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família – NEPAAF.

1 Silva LOL, Soares MM, Oliveira MA, Rodrigues SM, Machado CJ, Dias CA. "Tô sentindo nada": percepções de pacientes idosos sobre o tratamento da hipertensão arterial sistêmica. *Physis: Rev Saúde Coletiva*. 2013;23(1):227-42.

2 Goulart FAA. Doenças crônicas não transmissíveis: estratégias de controle e desafios e para os sistemas de saúde. Brasília-DF. 2011.

3 Reiners AAO. et al. Adesão ao tratamento de hipertenso na atenção básica. *Cienc. Cuid. Saúde*, Maringá, v.11, n.3, p.581-587, 2012.